

### ZYGMUNT BAUMAN: 1925-2017

Juan de LIMA<sup>1</sup>

*Everybody knows that our cities were built to be destroyed [...].*

“Maria Bethânia”, de Caetano Veloso.

As remanescentes construções gregas de seu período áureo, a Necrópole de Gizé, as edificações restantes da civilização maia, e mesmo Roma, metrópole em que atualmente o antigo conflui com o moderno, nos servem de exemplo da fragilidade quanto à continuidade das coisas. Isso, no nível concreto. Se nos atentarmos para a mentalidade, os modos de viver, em suma, a cultura, também atestaremos a dinâmica que ocorre neste processo, já que os valores e modos de vida estão igualmente em constante modificação e mutação. Nada no mundo está fadado à eterna e portentosa existência através dos tempos.

Isto é uma constância do processo social, visto que suas dinâmicas se alteram a todo o momento. Mas o que se tem acompanhado desde o início do capitalismo é uma tendência acelerada dessas mudanças, em ritmo frenético e sempre exponencial. A superação e destruição das tradições, o rompimento e distanciamento com as formas de vivências consideradas antigas, o desejo incessante pelo novo, a constante busca pelo mais moderno e tantos outros exemplos são algumas das prerrogativas encontradas no cerne desse sistema econômico, que sempre tentou ser global e total, e em certa medida hoje o é.

As primeiras barreiras enfrentadas pelo capitalismo foram os limites impostos pela **tradição**, principalmente a tradição religiosa, já que, em maior ou menor grau, a religião fora a base de organização de toda a vida social, indo desde as regras quanto aos comportamentos, ordenação da vida cotidiana, as trocas econômicas, o conhecimento etc. Ela era o centro regulador da vida mundana e extramundana. Em *O cambista e sua esposa*, obra finalizada em 1514, de autoria do holandês Quentin Matsys, nos é elucidativo os passos iniciais dessas transformações. A começar pelo tema da tela, cotidiano, e não mais religioso, revela de forma cristalina a natureza do espírito nascente à época, um espírito de libertação, ainda que tímido, e da prevalência das coisas mundanas em detrimento do divino. O olhar da esposa vai de encontro ao dinheiro presente nas mãos do marido. O homem encontra-se absorto com os

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil.  
Bacharelado em Ciências Sociais. juan.de.lima@hotmail.com.

objetos em suas mãos, mal podemos ver os seus olhos. A mão da esposa repousa sobre o texto sagrado, de forma indiferente, quase o ocultando. A porta da residência está entreaberta, sendo possível vermos duas pessoas do lado de fora, provavelmente julgando e condenando a atitude avarenta do casal. A profanação ainda encontra-se restrita ao nível doméstico.

Martinho Lutero foi uma figura importante para a superação dessa rígida tradição religiosa que imperava na Europa durante a Idade Média. Ir contra o dogmatismo católico e reclamar para as pessoas novas interpretações da Bíblia significou, em última medida, uma revolução. Este fato não passou despercebido aos olhos de Max Weber, vendo esta questão enquanto uma problemática central para a análise do capitalismo ocidental como um todo. Essa revolução cultural significou uma transformação cognitiva dos indivíduos, que se traduziu em um *ethos* particular e novíssimo. O **trabalho** passou a ser visto não apenas como uma das esferas de vida dos indivíduos, mas ao se confundir com os valores religiosos, é dotado de valor e sentido sagrados. Todas as coisas profanas, como ir contra a interpretação usual da Bíblia, acumular dinheiro (como no quadro de Matsys), se perguntar sobre a validade do poder divino destinado a homens e mulheres de carne e osso, passaram a ser a tônica de uma colossal revolução total nas mentalidades, que paulatinamente levou a outras e infindáveis revoluções menores, mas não menos importantes.

**Figura 1** - Reprodução: O cambista e sua esposa



**Fonte:** O cambista e sua mulher (Matsys)<sup>2</sup>.

Uma das implicações dessas revoluções foi o delineamento de uma nova gramática, de uma nova antropologia do ser. Seja ansiando pelo novo, ou retomando algumas tradições imemoriais que o catolicismo varreu para debaixo do tapete, homens e mulheres iam contra ao que estava imposto, ao usual, o costumeiro. Buscava-se um novo modo de se por no mundo, e com isso, possibilidades surgiam. Uma nova aurora da humanidade parecia mais próxima e possível. Porém as ideias ainda possuíam um preponente ao qual era necessário lutar contra, uma instituição poderosíssima e com capilaridades que ainda se mantém atualmente: a Igreja Católica. Se na Holanda de Matsys essas alterações pareciam fluir com certa suavidade, no centro irradiador da Igreja as coisas eram bem diferentes. Nos contornos de Roma, as ideias de Lutero eram vistas com total desconfiança, sobretudo por suas consequências, ao criar indiretamente nas pessoas um ceticismo quanto à própria existência do corpo da Igreja. As

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_cambista\\_e\\_a\\_sua\\_mulher\\_\(Matsys\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_cambista_e_a_sua_mulher_(Matsys))>. Acesso em: 3 jul. 2017.

peças iam, então, para a fogueira, de modo a expurgar da corporalidade essas ideias e ir de encontro ao divino para a redenção eterna. Carlo Ginzburg (2004) em *O queijo e os vermes* conta uma dessas histórias, dentre um número enorme e impreciso, de pessoas comuns julgadas e queimadas pela inquisição. Ao lermos o livro com a nossa visão desencantada, nos parece banais coisas como questionar o sentido de nossas vidas, nos perguntarmos de onde viemos e para onde vamos e a legitimidade de um Papa para determinar as nossas biografias. Naquele contexto europeu, isso significava um ultraje desmedido, uma afronta a tudo aquilo que estava implícito, dado de antemão. O cotidiano de indivíduos como Menocchio, o personagem real do livro, era bombardeado por essas reluzentes e sedutoras ideias hereges. Ao fim deste processo, a Igreja abraça o poder em si, alia-se às ideias mercantis, e, num casamento bem-sucedido, lançam-se aos mares para buscar novos produtos, novas ideias, pois o mundo já estava caducado por demais. O velho mundo precisava de uma chacoalhada. Os empreendimentos de acumulação primitiva do capital transformam-se em uma crescente racionalidade das técnicas para a obtenção dos lucros, e com isso, a Igreja paulatinamente vai sendo deixada de lado, bem como o feudalismo, vindo a ser substituído pelo capitalismo.

Parte daquela riqueza produzida pelo saque aos povos periféricos com o colonialismo é convertida na possibilidade de alguns europeus gozarem uma boa vida, construir palácios, de tornar possível uma produção científica, bem como empreender a arte enquanto um horizonte desejável. Racionalizam-se cada vez mais os processos da vida social em termos quantitativos, sendo, portanto, fáceis de serem observáveis, organizados e previsíveis. Foram essas as bases necessárias para o estabelecimento da ciência moderna, que se transpõem às demais formas de vida, constituindo um ordenamento comum de existência. Nesse sentido, o humanismo somente foi possível com o escravismo, a destruição de biomas, a desumanização de milhares de indivíduos completamente apagados da história.

Outras revoluções foram fundamentais para o estabelecimento de novas formas de produção econômica e de revoluções culturais: primeiro, a Revolução Francesa que, a despeito de toda e qualquer crítica, conseguiu retirar o poder das mãos de monarquias e isso foi um grande passo para muitas mudanças; em segundo lugar, as Revoluções Industriais e as tecnológicas, significando, cada uma delas a seu modo, uma radicalização nos modos de produção e a introdução de novas técnicas em meios cada vez mais especializados, sobretudo por conta dos avanços técnico-científicos.

Neste ínterim, fé na técnica converte-se em uma crença no progresso. Nessa lógica, todas as nações, inevitavelmente, caminhariam para um horizonte-comum, usufruindo das

maravilhas obtidas pela ciência por meio do acúmulo de capital. Mas a repartição dessas riquezas e de poder não se fez justa para todas as nações, desembocando em duas guerras a nível mundial. A primeira foi apenas uma amostra dos horrores que viriam com a segunda. Seja com o holocausto, as bombas atômicas, a morte aos milhares ou mesmo a busca sedenta por hegemonia cultural e econômica que se seguiu logo após o seu término, a Segunda Guerra é o exemplo máximo das barbáries que a humanidade pode realizar com o poder e a técnica. Nada foi como era antes. Perde-se o encanto pela ciência, ela já não é vista como a porta de entrada para o progresso. Reflete-se sobre próprio sentido da palavra “progresso”. Parte dos horrores da Segunda Guerra ainda continua desconhecida, mas é consenso sobre a animalidade presente neste conflito. Não há a possibilidade de lírica após Auschwitz.

Quando do fim da Segunda Guerra, duas potências vencedoras surgem para disputar os rumos de influência econômica e ideológica sobre os demais países do mundo. De um lado, os EUA representavam o capitalismo altamente desenvolvido, e de outro, estava a URSS com o seu socialismo real, propondo mudanças na organização econômica e de poder. O espectro do comunismo rondando a Europa, renunciado por Friedrich Engels e Karl Marx no século XIX, acabou por ser apenas e somente um espectro. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, representante maior de uma tentativa de distanciamento do sistema capitalista, tem seu fim palpável e simbólico com a derrubada do muro de Berlim em 1991. Esse episódio nos indicava que o capitalismo havia vencido as barreiras físicas e também de ordem subjetiva que entravavam o seu pleno desenvolvimento e alastramento pelo globo, dando indícios, portanto, de que as nações iam em direção a um caminho-comum, ou seja, o capitalismo global e informacional presente em fins do século XX. A jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch (2016), em seu *O fim do homem soviético*, narra as transformações e mesmo choques entre as gerações que viveram e as que não viveram a experiência da URSS. É-nos narrado um verdadeiro e assustador abismo de geração entre esses indivíduos, e mesmo ao nível de nações inteiras, em forma de relatos de como o capitalismo, presente há apenas 26 anos naqueles países, acabou por introduzir mudanças substantivas nos indivíduos nascidos posteriormente à introdução desse sistema econômico nos antigos países soviéticos.

Inúmeros pensadores lançaram-se à busca de compreensão crítica desses novos fenômenos sociais, bem como a complexificação de alguns antigos. Diante da complexidade do mundo atualmente, pesquisas sociais mais densas e totalizantes vão sendo postas de lado, privilegiando estudos cada vez mais específicos e com temas bem particulares. Entretanto, as

tentativas de busca de conexões entre os temas não cessaram. Alguns autores, a fim de buscarem explicações mais consistentes, se utilizam de conceitos. Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que veio a falecer neste ano de 2017, dedicou grande parte de toda a sua produção para entender os dilemas impostos pela modernidade e sua crescente radicalização. Bauman cunhou um termo muito difundido para designar o nosso momento histórico: estaríamos em uma **modernidade líquida**.

Os fluidos se caracterizam pela leveza, pela plasticidade, pela rápida resposta da necessidade de adaptações. Desde o começo, a Era Moderna vem sofrendo, como vimos mais acima, um processo de “liquefação”, se libertando da rigidez e da solidez, características marcantes das sociedades ditas tradicionais. Os primeiros sólidos a derreter foram, portanto, o sagrado, os direitos fundados na tradição e as obrigações quanto às mesmas. A racionalidade, paulatinamente, passou a ocupar o lugar da teologia e a economia passa a tomar um protagonismo nas bases desse novo tipo de subjetividade. No pensamento de Bauman, a modernidade líquida representa a vitória da economia de mercado sobre todas as demais esferas da vida, bem como um acentuado grau de individualismo. Alguns dos elementos responsáveis pelo surgimento desse novo tipo de situação são: as profundas mudanças no sentido do poder e da política, de um poder não necessariamente vinculado a uma dimensão nacional, passando a agir globalmente, enquanto a política continua tendo que desenvolver-se no interior do território nacional, o que nos traz problemáticas interessantes para a análise. A política sendo aqui vista como uma forma de resolução do que fazer ou não fazer a partir da esfera do Estado vai cedendo lugar para o poder *per se*, sob a forma da economia de mercado ou de formas paralelas de poder, indo desde grupos terroristas a organizações econômicas, de ONGs a movimentos sociais com interesses muito específicos, denunciando a fragilidade do Estado em continuar dando respostas para a organização de indivíduos, de grupos e da resolução de problemas mundiais como, por exemplo, os problemas ambientais, tráfico de drogas, terrorismo, ataques cibernéticos, crises econômicas, entre outros infundáveis.

Na medida em que a economia passa a ter preponderância sobre as demais esferas sociais, observa-se que ela pode ser total, e a globalização é a expressão máxima desse processo. Bauman eleva a problemática ao limite ao dizer que os processos que se sucederam à Segunda Guerra Mundial e ainda mais após a Guerra Fria criaram condições para estabelecer novos parâmetros de eficácia para a circulação de capital, mercadorias e pessoas nunca antes vistos na história da humanidade, e a lógica de mercado adentrando esferas como

a produção de conhecimento, as relações sociais de toda ordem, difusão de informação, produção cultural etc.

Também podemos visualizar a aceleração do ritmo do tempo social e histórico. Primeiro, sobre as identidades: a incidência de um tipo novo de indivíduo, sem ou quase nenhum vínculo social de relações de compromisso e de empenho ao Estado e à Pátria, ao trabalho, ao amor, aos afetos, enfim, todos eles encontram-se comprometidos pela crescente individualização e da introdução da lógica de mercado nesses campos. Em segundo lugar, alterações de sentido sobre os valores: os atores sociais são agora vistos como agentes criativos, portanto, vivendo às próprias custas e lidando sozinhos com as suas consequências. Em terceiro lugar, alterações nas formas de organizações e de instituições: família, escola, trabalho, universidade, sindicatos, partidos, Estados nação etc.

De grosso modo, no pensamento de Bauman, no primeiro caso dessas acelerações, nas sociedades sólidas os indivíduos se associavam por meio de vínculos que remetiam à ideia de segurança e de estabilidade. O Estado deixou de ser um sinal de pertença, e tendo o mercado adentrado praticamente todos os aspectos da vida social, os afetos se baseiam cada vez mais por métricas como lucro, investimento ou perda. Tudo é contabilizado em termos mais ou menos quantitativos, o que nos leva para a segunda grande questão: os indivíduos se portam cada vez mais como agentes criativos de suas biografias, fator que está muito associado à lógica do neoliberalismo, ou seja, de hiperindividualismo e hiperconsumismo, valores dominantes em grande parte do mundo após o fim da Guerra Fria. Já no último caso, as instituições tradicionais se afrouxam, dando espaço para formas mais efêmeras e menos eficazes, haja vista a sua particularidade e perda de tato sobre o todo social.

Na modernidade líquida, assistimos a um vertiginoso aumento do medo, insegurança, incerteza, ansiedade, mal-estar, paranoia. Uma condição social atual de fragilidade, de impotência dos indivíduos diante das mazelas do mundo. Não se toma partido e nem responsabilidade sobre os problemas mundiais, pois ainda se tem a errônea sensação de que os problemas são locais, bem como suas resoluções. Todas essas questões passam então a serem comercializadas. O medo contemporâneo exige a construção de muros, tanto físicos como subjetivos, para manter longe tudo aquilo que é estranho e causa desconforto. Esses muros imaginários se assemelham a redomas de vidro, passíveis de serem quebradas a qualquer momento.

Também vivemos o acirramento da xenofobia, do racismo e da violência. Com a manipulação cada vez mais fácil de imagens e da construção de pós-verdades, faz-se o uso do

## Homenagem

---

mesmo medo que dissemos acima para aumentar tensões e manter a falsa sensação de segurança e de comunidade. Muçulmanos continuam com a imagem de terroristas, imigrantes são intrusos vindos de qualquer parte que seja para roubar empregos e facilidades sociais, discursos políticos contemporâneos flertando com o fascismo sem grandes entraves. O outro, o estranho, sempre está à espreita.

Mas como ressaltamos no início deste ensaio, fica impossível precisarmos os rumos que essas questões vão tomar daqui em diante. Bauman, tendo ele próprio vivido os horrores da Segunda Guerra, sendo um imigrante, e acompanhando as transformações sociais e culturais do século XX e do século XXI até este ano de 2017, chama este período da modernidade líquida de interregno. Olhamos para o passado com a falsa sensação de conhecimento sobre os processos sociais que desembocaram no que somos atualmente. Os desafios estão postos, mas já não somos o que fomos, e não temos a clareza sobre o que seremos. Vivemos com um enorme horizonte à vista, mas sempre possível de ser desmanchado aos nossos olhos. Em um período de liquefação permanente, Bauman nos dá algumas pistas por meio de uma obra vasta e sólida e de um pensamento crítico necessário para os nossos tempos.

## REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.